

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIA E EDUCAÇÃO**

EMANUELE STAUDT DIAS

**A IDENTIDADE DA MULHER NEGRA E INDÍGENA: ENTRE A AUTORIA E O
PROTAGONISMO NO PNLD 2023**

**São Borja
2025**

EMANUELE STAUDT DIAS

**A IDENTIDADE DA MULHER NEGRA E INDÍGENA: ENTRE A AUTORIA E O
PROTAGONISMO NO PNLD 2023**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Pós-Graduação
Lato Sensu – Especialização em Mídia e
Educação da Universidade Aberta do
Brasil/Universidade Federal do Pampa,
como requisito parcial para obtenção do
Título de Especialista em Mídia e
Educação.

Orientador: Prof.^a Dra. Fabiane Lazzaris

**São Borja
2025**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

S541i STAUDT DIAS, EMANUELE

A IDENTIDADE DA MULHER NEGRA E INDÍGENA : ENTRE A AUTORIA E
PROTAGONISMO NO PNLD 2023 / EMANUELE STAUDT DIAS.

23 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIA E EDUCAÇÃO, 2025.

"Orientação: Fabiane Lazzaris".

1. PNLD 2023. 2. Autoria feminina negra e indígena. 3.
Personagens protagonistas femininas negras e indígenas. I.
Título.

EMANUELE STAUDT DIAS

**A IDENTIDADE DA MULHER NEGRA E INDÍGENA: ENTRE A AUTORIA E O
PROTAGONISMO NO PNLD 2023**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pós-Graduação Lato Sensu – Especialização em Mídia e Educação da Universidade Aberta do Brasil/Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista em Mídia e Educação.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em 11 de novembro de 2025.

Banca examinadora:

Prof. Dra. Fabiane Lazzaris
Orientador
UNIPAMPA

Prof. Dra. Arianne Ávila Neto de Farias
IFFAR

Prof. Dra. Sátira Pereira Machado
UNIPAMPA



Assinado eletronicamente por **Arianne Ávila Neto de Farias, Usuário Externo**, em 11/11/2025, às 19:37, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **FABIANE LAZZARIS, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 11/11/2025, às 19:50, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **SATIRA PEREIRA MACHADO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 05/01/2026, às 10:06, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1892228** e o código CRC **D77A4191**.

A IDENTIDADE DA MULHER NEGRA E INDÍGENA: ENTRE A AUTORIA E O PROTAGONISMO

Emanuele Staudt Dias

Resumo

Este artigo analisa a representatividade de autoria e protagonismo feminino, notadamente negra e indígena, nas 808 obras literárias aprovadas no Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD 2023) para os anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano). O estudo discute as implicações da limitada representatividade interseccional para a formação leitora e como essa invisibilidade obstrui a plena aplicação dos princípios das Leis 10.639/03 e 11.645/08, que buscam promover a história e a cultura afro-brasileira e indígena.

A metodologia adotada é quali-quantitativa, combinando a análise de conteúdo das resenhas oficiais do PNLD com a interpretação de dados estimativos obtidos por pesquisa complementar biográfica, dada a ausência de autodeclaração racial nas fichas catalográficas. Os resultados demonstram que, embora a autoria feminina corresponda a 44% do total, a estimativa de Autorias Negras e Indígenas é residual (inferior a 5% e 1%, respectivamente), com forte concentração geográfica na Região Sudeste. O protagonismo dessas personagens é igualmente restrito e, quando presente, é frequentemente delegado a figuras do mito e do folclore, o que mitifica e desumaniza a experiência contemporânea desses grupos. Essa invisibilidade compromete a formação identitária dos estudantes, perpetua estereótipos, restringe a diversidade cultural e limita a consciência crítica, dificultando a implementação efetiva das leis de inclusão. Conclui-se que o cânone literário escolar do PNLD falha em refletir a pluralidade brasileira, impactando negativamente a educação inclusiva e antirracista.

Palavras-chave: PNLD 2023; Autoria feminina negra e indígena; Personagens protagonistas femininas negras e indígenas.

Abstract

This article examines the representation of female authorship and protagonism, particularly Black and Indigenous, in the 808 literary works approved by the National Textbook and Educational Material Program (PNLD 2023) for early elementary education (1st to 5th grades). It discusses the implications of limited intersectional representation for students' reading formation and how this invisibility hinders the full implementation of Laws 10.639/03 and 11.645/08, which aim to promote Afro-Brazilian and Indigenous history and culture. Using a quali-quantitative methodology, the study combines content analysis of PNLD official reviews with biographical data estimates due to the lack of racial self-declaration in catalog records. Results show that while female authorship accounts for 44% of the total, Black and Indigenous authorship is marginal (below 5% and 1%, respectively), with a strong geographic concentration in the Southeast Region. Protagonism of these groups is similarly limited, often confined to mythical or folkloric figures, which mythifies and dehumanizes their contemporary experiences. This invisibility undermines students' identity formation, perpetuates stereotypes, restricts cultural diversity, and limits critical awareness, obstructing effective implementation of inclusion laws. The study concludes that the PNLD's literary canon fails to reflect Brazil's diversity, negatively impacting inclusive and anti-racist education.

Keywords: PNLD 2023; Black and Indigenous female authorship; Black and Indigenous female protagonists.

1 INTRODUÇÃO

A literatura destinada à educação básica, sobretudo aquela veiculada por programas governamentais como o PNLD, configura-se como um campo estratégico na formação de leitores e na construção de imaginários sociais. Espera-se que este acervo espelhe a pluralidade cultural e étnica da nação, atuando como um vetor de inclusão e de valorização das diversidades. Contudo, pesquisas recentes e a análise do acervo do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) 2023 sugerem a persistência de um cânone editorial concentrado, que negligencia a autoria e o protagonismo de mulheres, em especial as mulheres negras e indígenas, cujas narrativas são essenciais para uma educação antirracista e decolonial.

O PNLD é uma iniciativa do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), vinculado ao Ministério da Educação (MEC), que tem como objetivo fornecer obras literárias e materiais didáticos de qualidade para as escolas públicas de todo o Brasil. Por meio do PNLD, são selecionadas obras literárias e pedagógicas com base em critérios técnicos e pedagógicos rigorosos, destinadas às diferentes etapas da educação básica, garantindo o acesso dos estudantes à leitura e à diversidade da literatura nacional e estrangeira.

Este artigo foi desenvolvido com base na análise do PNLD 2023 – Literatura para os anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano), a partir do repositório digital do programa, disponível no portal do FNDE. Esse ambiente virtual funciona como uma plataforma interativa que reúne as obras aprovadas e suas respectivas resenhas, permitindo que professores e gestores escolares acessem, comparem e selecionem os títulos mais adequados às realidades de suas comunidades escolares. Tal recurso constitui uma importante ferramenta midiática e pedagógica, que potencializa o uso das tecnologias digitais na educação, democratiza o acesso à informação e fortalece o protagonismo docente no processo de escolha dos materiais literários.

A baixa representatividade de autoras e protagonistas femininas, notadamente negras e indígenas, nas obras selecionadas pelo PNLD 2023, reflete e dialoga com questões estruturais profundas na sociedade brasileira. Essa limitação da diversidade no cânone literário escolar se conecta diretamente a marcos históricos e legais, como a reflexão essencial sobre a herança histórica e as desigualdades raciais promovida pelo Dia da Consciência Negra. Mais crucialmente, essa lacuna na literatura didática

aponta para uma implementação incompleta das Leis de inclusão afro-brasileira e indígena (10.639/2003 e 11.645/2008), que, apesar de tornarem obrigatório o ensino da história e cultura africana, afro-brasileira e indígena, demonstram falhas em sua aplicação prática no próprio material literário ofertado.

A situação é agravada pelo cenário de cotas raciais e desigualdades regionais (Lei 12.711/2012), que expõe as barreiras sistêmicas que impedem a ascensão e o reconhecimento de autoras periféricas e negras no mercado editorial. Dessa forma, a literatura escolar, ao espelhar essas desigualdades, limita a oferta de um protagonismo feminino interseccional e restringe a diversidade temática. É nesse contexto que o trabalho de autoras negras gaúchas e de outras regiões do país ganha relevância crucial, pois suas narrativas de resistência e visibilidade atuam como um contraponto necessário à análise crítica da representação literária vigente no Brasil.

Diante do panorama de desigualdades revelado, esta pesquisa se propõe a discutir as implicações da limitada representatividade interseccional no PNLD 2023 para a formação leitora dos estudantes do Ensino Fundamental (1º a 5º anos). Mais especificamente, objetivamos investigar de que forma a exclusão de autoras e protagonistas negras e indígenas obstrui a plena aplicação dos princípios das Leis 10.639/2003 e 11.645/2008, e, simultaneamente, destacar o papel das narrativas de resistência criadas por autoras periféricas, gaúchas e de outras regiões, como vetores de visibilidade e transformação.

Para sustentar essa discussão, a seção seguinte oferece o arcabouço teórico que alicerça a análise da invisibilidade editorial e seus impactos pedagógicos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Representatividade e protagonismo feminino negro e indígena na literatura brasileira

2.1.1 O cânone e a restrição do protagonismo feminino

O protagonismo feminino transcende a mera autoria, estendendo-se à presença e centralidade das personagens nas obras. No contexto do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD 2023), nota-se que mesmo autoras femininas

frequentemente optam por construir narrativas com poucas protagonistas mulheres, ou focam em coletivos, mitos e culturas específicas.

As razões para essa escolha narrativa, ou para a ausência de um protagonismo feminino individual e maduro, podem ser explicadas por fatores culturais e literários estruturais:

1. Exploração de narrativas universais ou masculinas: muitas vezes, a narrativa é direcionada a temas considerados "universais" (como jornada, guerra ou aventura), os quais a tradição literária historicamente modelou a partir da experiência masculina. Conforme aponta a crítica de gênero, a construção do "universal" frequentemente se sobrepõe à experiência feminina, relegando as personagens mulheres a papéis de suporte ou motivação. A teórica Judith Butler, em estudos sobre a desconstrução de gênero, argumenta que o próprio aparato de produção das noções de masculino e feminino pode ser desconstruído através da narrativa, mas a força do modelo canônico masculino ainda prevalece.

2. Viés cultural que associa maturidade feminina a papéis sexuais ou reprodutivos: o interesse literário pela mulher madura é frequentemente limitado pelo viés cultural que a vincula estritamente à função reprodutiva (mãe, esposa abnegada) ou à sexualidade (amante, sedutora). Estudos sobre gênero e estereótipos de feminilidade apontam que, por muito tempo, a figura feminina na literatura foi definida pela passividade e dedicação à família, em detrimento de uma complexidade intelectual ou de aventura (Dalcastagnè, 2005; Butler, 2018).

3. Esse enquadramento dificulta a criação de protagonistas femininas maduras cujas motivações centrais não sejam definidas por um homem ou pela maternidade.

4. Intenção de subverter expectativas em contos de fantasia ou terror, onde mulheres são narradoras, mas não centrais: em gêneros como a fantasia e o terror psicológico, a escolha por uma narradora feminina que não é a personagem central pode ser uma estratégia autoral para intensificar o efeito de estranhamento ou horror. A crítica reconhece que autoras como Lygia Fagundes Telles subverteram estereótipos ao colocar a mulher em situações de opressão ou como testemunha passiva (como em "Venha Ver o Pôr do Sol"), usando a sua perspectiva para criticar a sociedade (Schmidt, 2000; Gotlib, 1987). Nesse modelo, a mulher funciona como a lente através da qual o leitor observa a tragédia, mas não necessariamente como o

motor da ação ou a agente da resolução do conflito, o que, embora subversivo, não garante a centralidade de seu protagonismo.

A literatura produzida por autoras negras, alinhada ao feminismo negro, rompe essas barreiras ao promover protagonistas femininas negras que expressam resistência, empoderamento e a vivência histórica e social desses grupos. Aqui se conecta a análise de Djamila Ribeiro, que ressalta a invisibilidade histórica de escritoras negras, como Maria Firmina dos Reis e Maria Carolina de Jesus, e a importância do “lugar de fala” para narrativas autênticas.

2.1.2 Cotas, desigualdades editoriais e concentração geográfica

As cotas raciais (Lei 12.711/2012) visam reduzir desigualdades educacionais e sociais para pessoas negras (categoria que, para fins legais e de políticas públicas, engloba os indivíduos que se autodeclararam pretos e pardos), indígenas e populações de baixa renda, representando ações afirmativas que contrastam com a concentração geográfica das autoras no PNLD 2023.

Estudos como *Autor negro, catálogo branco* (Gabriela da Costa Silva, UnB, 2023) mostram que as editoras tradicionais que mais dão visibilidade a autores negros estão concentradas no eixo Rio-de-Janeiro / São Paulo. Já pesquisas regionais, como *Literatura de autoria negro-feminina no mercado editorial do Norte* (2024), evidenciam que, mesmo em regiões com grande população negra, a representatividade autoral é ainda bastante reduzida no mercado local. Essa combinação indica que autoras negras e indígenas tendem a buscar ou depender da migração para centros como Rio e São Paulo para alcançar visibilidade e oportunidades maiores de publicação.

A análise de Regina Dalcastagnè, desenvolvida a partir de uma extensa pesquisa sobre o romance brasileiro contemporâneo (englobando o período de 1965 a 2014) em grandes editoras, revelou uma profunda disparidade racial e geográfica no mercado editorial. Conforme demonstrado pelos dados, a autoria dos livros publicados se concentra majoritariamente em homens brancos do eixo Rio-São Paulo, com autores negros representando apenas cerca de 10% do total. Essa exclusão configura uma barreira estrutural que não apenas restringe o acesso e o protagonismo de vozes periféricas, negras e indígenas, como também impacta diretamente o conteúdo da produção literária. Consequentemente, a falta de diversidade na autoria limita a representação de personagens femininas diversas, o que, por sua vez, afeta o material literário que chega, por exemplo, às escolas de educação básica.

Autoras negras de projeção nacional como Conceição Evaristo, Ana Maria Gonçalves, Jarid Arraes, Carolina Maria de Jesus e Lélia Gonzalez têm contribuído decisivamente para a literatura e os movimentos de resistência no Brasil, enfrentando historicamente barreiras de raça, gênero e classe. No Rio Grande do Sul, poucas autoras se destacam nacionalmente como Maria Helena Vargas da Silveira e, mais recentemente, Eliane Marques. Outras autoras negras sulistas como Maria do Carmo dos Santos, Lilian Rocha, Fátima Farias e Isabete Fagundes Almeida também mantêm uma produção significativa, embora com menor visibilidade nacional, evidenciando a necessidade de políticas que valorizem a diversidade regional e racial na produção literária.

Dentre as temáticas de suas obras, mantêm-se também uma produção consistente de poemas, contos e obras infantis que dialogam com a história, a cultura e a resistência do povo negro na região. Essas escritoras contribuem para a valorização da memória histórica, das identidades afro-brasileiras e da diversidade cultural, resgatando narrativas muitas vezes ausentes dos currículos escolares tradicionais.

2.1.3 Leis de inclusão, interseccionalidade e o PNLD

O Dia da Consciência Negra, celebrado em 20 de novembro no Brasil, homenageia Zumbi dos Palmares, líder do Quilombo dos Palmares, e remete à luta histórica contra o racismo estrutural e à promoção da igualdade racial. Essa data se conecta à implementação da Lei 10.639/2003 (alterada pela 11.645/2008), que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas, objetivando combater estereótipos e valorizar a diversidade cultural.

No entanto, o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) 2023, evidencia que a presença de autoras negras e indígenas permanece baixa (aprox. 12% e 3%, respectivamente), assim como a de personagens protagonistas femininas negras e indígenas. A literatura na escola tende a retratar culturas afro e indígenas majoritariamente através de folclore, mitos e lendas, restringindo a compreensão da diversidade cultural, histórica e contemporânea desses grupos. Isso reforça a necessidade de narrativas autênticas, capazes de promover representatividade e empoderamento interseccional.

Autoras como Djamila Ribeiro destacam que a interseccionalidade – considerando gênero e raça simultaneamente – é essencial para compreender essas

lacunas, enquanto a literatura e a educação devem incluir protagonistas que reflitam a diversidade brasileira, combatendo invisibilidade histórica e estereótipos culturais.

2.2 Autoras negras e narrativas de resistência no contexto gaúcho

O Movimento Literário Negro no RS surge como uma estratégia de resistência e visibilidade, conectando literatura, educação e ativismo cultural. Ele fortalece a produção autoral negra, promove a circulação de obras e a formação de redes de leitura entre professores, estudantes e público leitor em geral. Essa produção, alinhada aos princípios do feminismo negro, evidencia a necessidade de protagonistas femininas negras em obras literárias, fortalecendo o protagonismo e o empoderamento das mulheres negras em contextos educativos e sociais.

A incorporação dessas obras e autoras na educação básica é essencial para que professores possam levar para a sala de aula narrativas representativas, ampliar a compreensão histórica e cultural das crianças e combater estereótipos raciais. Além disso, contribui para que estudantes negros e negras reconheçam suas histórias e culturas refletidas nas narrativas literárias, promovendo identificação, autoestima e engajamento leitor. A visibilidade dessas autoras também reforça a importância de políticas públicas de incentivo à diversidade na literatura escolar, alinhando-se às diretrizes do PNLD e das leis de inclusão afro-brasileira e indígena (Leis 10.639/2003 e 11.645/2008).

Abaixo, destaco algumas dessas autoras e suas contribuições:

Quadro 1 - Autoras negras e indígenas gaúchas.

(continua)

Autora	Principais Obras
Maria do Carmo dos Santos	Moda afro-brasileira é design de resistência da luta negra no Brasil (Obra acadêmica), Coisas de negro, Sopapo poético: Pretessência (participação).
Dóris Soares	Gotas de chuva encontram o mar (Prosa poética e poemas).
Verlinda Menezes	Publicações em antologias e coletâneas de poesia.
Eliane Marques	Louças de família (Romance); o poço das marianas; se alguém o pano (Poesia); Relicário.
Maria Helena Vargas da Silveira	É fogo! (Primeiro livro); autora de romances, poesia, contos e crônicas (com mais de 10 livros publicados).
Mirna Rodrigues Pereira	Publicações em antologias de poesia e prosa.
Taiasmin Ohnmacht	Vozes de retratos íntimos; Visite o decorado (novela); Ela conta ele canta.

Quadro 1 - Autoras negras e indígenas gaúchas.

(conclusão).

Autora	Principais Obras
Naiara Rodrigues Silveira	Poemas e textos em coletâneas (como Nonada e Revista Vírus).
Jacira Fagundes	O quadro na parede (Juvenil); O legado; No limite dos sentidos (Adulto).
Maria Rita Py	O Menino e o livro (Poesia/Crônica); autora de textos sobre questões raciais e sociais.
Alsina Alves de Lima	Autora com publicações na área de contos e poesia.
Lilian Rocha	A vida pulsa – poesias e reflexões; Negra Soul; Menina de tranças.
Delma Gonçalves	Poerotisa; Pequenos grandes lábios negros (Poesia); O som das letras.
Ana dos Santos	Maiúscula; Publicações em diversas antologias poéticas brasileiras.
Fernanda Bastos	Dessa cor (Poesia); Literatura, luta e formação de leitores.
Vângri Kaingáng	Estrela Kaingáng: a lenda do primeiro pajé.

Fonte: Autora (2025).

Essas autoras contribuem significativamente para a literatura, abordando temas como identidade, resistência, ancestralidade e cultura afro-brasileira. Suas obras são essenciais para promover a diversidade e a representatividade nas escolas gaúchas.

A literatura brasileira conta com diversas autoras negras e indígenas que desempenham papéis fundamentais na construção da identidade e na luta contra o racismo estrutural. Algumas das principais autoras incluem:

Quadro 2 - Autoras Negras e Indígenas no Brasil.

Autoras Negras	Principais Obras	Autoras Indígenas	Principais Obras
Maria Firmina dos Reis	Úrsula (Romance, 1859); A Escrava (Conto, 1887).	Eliane Potiguar	Metade Cara, Metade Máscara (Memórias/Poesia, 2004); A Terra é a Mãe do Índio (Poesia).
Conceição Evaristo	Ponciá Vicêncio (Romance, 2003); Olhos d'Água (Contos, 2014); Becos da Memória (Romance, 2006).	Jaqueline M. S. de Oliveira	Produção acadêmica (teses/dissertações) e artigos sobre línguas e culturas indígenas.
Djamila Ribeiro	O Que é Lugar de Fala? (Ensaio, 2017); Pequeno Manual Antirracista (Ensaio, 2019).	Jama Wapichana	YORA – GENTE VERDADEIRA (Roteiro e Pesquisa Audiovisual); Contribuições em cinema e roteiro que valorizam a cultura Wapichana.

(continua)

Quadro 2 - Autoras Negras e Indígenas no Brasil.
(conclusão).

Autoras Negras	Principais Obras	Autoras Indígenas	Principais Obras
Carolina Maria de Jesus	Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada (Diário, 1960); Casa de Alvenaria (Diário, 1961).	Auritha Tabajara	Magistério Indígena em Verso e Poesia (Cordel, 2007); Tuiupé e o Maracá Mágico (Infanto Juvenil).
Ana Maria Gonçalves	Um Defeito de Cor (Romance, 2006).	Eva Potiguara	Abyayala Mebyra Nhe'engara: Cânticos de uma Filha da Terra (Poesia, 2022).
Lélia Gonzalez	Por um Feminismo Afro-Latino-Americano (Ensaio, 1988); Lugar de Negro (Ensaio, 1982).	Jerá Poty Mirim	Publicações infantis sobre a cultura e cosmologia Guarani, como O Presente de Jerá Poty.
Luciany Aparecida	Mata Doce (Romance, 2023); Macala (Plaquetes de poesia).		
Lívia Natália	Dia Bonito Pra Chover (Poesia, 2017); Correntezas e Outros Estudos Marinhos (Poesia, 2015).		
Tatiana Nascimento	Palavra Preta (Poesia, 2021); Oriki de Amor Selvagem (Poesia); leve sua culpa branca pra terapia (Ensaio).		
Jarid Arraes	Redemoinho em Dia Quente (Contos, 2019); Heroínas Negras Brasileiras em 15 Cordéis (Cordel, 2017).		

Fonte: Autora (2025).

É essencial que as obras dessas autoras sejam incluídas no currículo escolar, pois promovem a representatividade, permitindo que estudantes negros se vejam refletidos nas histórias; combatem estereótipos, ao apresentar narrativas diversas e complexas da experiência negra; enriquecem o repertório cultural, ampliando o entendimento sobre a história e cultura afro-brasileira; e estimulam o pensamento crítico, fomentando discussões sobre identidade, racismo e desigualdade. A inclusão

dessas obras no PNLD e em outras iniciativas educacionais é, portanto, fundamental para a construção de uma educação mais justa e representativa.

3 METODOLOGIA

3.1 Coleta e organização das informações sobre a origem das autoras

Esta pesquisa adota uma abordagem quali-quantitativa, articulando análise qualitativa de conteúdo e interpretação quantitativa de tendências, com foco na representatividade de autoras negras e indígenas nas obras literárias aprovadas pelo PNLD 2023 – Literatura para os anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano), assim como a presença de personagens protagonistas negras e/ou indígenas.

O repositório digital do PNLD – Guia Digital de Obras Literárias funciona como o catálogo oficial do programa, reunindo todas as obras aprovadas para uso nas escolas. As obras estão organizadas por faixa etária, série e categoria, e cada registro apresenta ficha técnica, resenha e orientações pedagógicas. A plataforma oferece filtros de pesquisa por gênero, tema, categoria, autor, editora e outros critérios, permitindo que professores e gestores visualizem e comparem os títulos disponíveis em cada acervo. Essa ferramenta potencializa o uso das mídias digitais na educação, democratiza o acesso às propostas literárias e fortalece a autonomia na decisão escolar.

Para esta pesquisa, foi adotado o recorte analítico das obras destinadas aos anos iniciais (1º ao 5º ano). Essa delimitação se justifica por contemplar a fase de formação leitora e construção de identidade das crianças, momento em que a representatividade de personagens e autoras é especialmente significativa para a formação de valores e percepção da diversidade. O recorte também considera a abrangência do PNLD nesse ciclo, tanto em número de títulos quanto em impacto pedagógico, além de permitir a análise direta das informações oficiais disponibilizadas no repositório digital.

É importante destacar que o PNLD 2023 não apresenta informações sobre autodeclaração racial, étnica ou de gênero das autoras. As fichas catalográficas e resenhas contêm apenas dados bibliográficos e editoriais, sem indicadores identitários. Dessa forma, não é possível estabelecer quantitativos absolutos sobre representatividade racial, e os percentuais apresentados neste estudo são estimativas

interpretativas, obtidas por meio de pesquisa complementar em biografias públicas, entrevistas, sites institucionais e materiais editoriais.

Os dados quantitativos, portanto, têm caráter estimativo e indicativo, evidenciando tendências médias e padrões de representatividade, sem constituir números precisos. A análise quantitativa foi utilizada de forma complementar à qualitativa, permitindo identificar recorrências nas obras e nos perfis das autoras, enquanto a leitura interpretativa buscou compreender como as narrativas abordam identidade, diversidade e inclusão. Assim, os resultados refletem indicadores de predominância e lacunas de representatividade, subsidiando reflexões sobre políticas públicas e práticas pedagógicas voltadas à valorização da diversidade na literatura escolar.

A etapa qualitativa da pesquisa concentrou-se na análise de conteúdo das fichas técnicas e resenhas das obras, buscando identificar a recorrência de temas, o perfil das personagens principais e a abordagem de questões raciais e culturais. Especificamente no que tange ao protagonismo, a categorização foi estabelecida a partir do papel central da personagem na condução da narrativa, observando a sua agência, o seu desenvolvimento e a identificação do leitor. O desdobramento das categorias "Misto/Não Humano" no Quadro 4 (seres encantados, deuses, animais e monstros) justifica-se pela necessidade de mapear a tendência de as representações de diversidade cultural, como as culturas afro-brasileira e indígena, serem frequentemente relegadas ao plano do mito ou do folclore, e não à vivência humana contemporânea, o que constitui um viés na representação que merece destaque.

As informações quantitativas e estimativas coletadas foram organizadas em dois quadros: o Quadro 3, que apresenta a autoria (distribuição de gênero, raça e concentração geográfica) e a representatividade geral de protagonistas; e o Quadro 4, que detalha a categorização dos protagonistas (recortes racial e temático). Essa organização sistemática permite mapear e contrastar as lacunas de autoria com a limitada presença de protagonistas negras e indígenas, fornecendo uma base clara para as análises subsequentes sobre o panorama da representatividade no acervo do PNLD para os anos iniciais.

4 DESCRIÇÃO ANÁLISE DOS RESULTADOS

A análise dos dados do PNLD 2023 – Literatura para os Anos Iniciais (1º ao 5º ano), sintetizados nos Quadros 3 e 4, revela um padrão de profunda desigualdade na representação de gênero, raça e origem geográfica, confirmando a persistência de um cânone editorial que se distancia da diversidade sociocultural brasileira.

4.1 Desequilíbrio na Autoria e Concentração Geográfica

O levantamento de 808 obras no PNLD 2023 aponta que a autoria feminina corresponde a, aproximadamente, 44% do total (cerca de 355 autoras únicas). Embora o percentual demonstre um avanço em relação a épocas anteriores, ele ainda indica um domínio editorial majoritariamente masculino. Contudo, a desigualdade se aprofunda drasticamente ao se aplicar o recorte racial e geográfico. Conforme o Quadro 3, a estimativa de autoras negras é inferior a 5% das mulheres identificadas, e a de autoras indígenas é residual, ficando abaixo de 1%. Esses percentuais, mesmo que aproximados, evidenciam uma sub-representação gritante, reforçando o quadro de invisibilidade dessas vozes na literatura escolar, em contraste com a diversidade demográfica do país. Adicionalmente, o PNLD demonstra uma forte concentração geográfica, com a maioria das autoras vindo da Região Sudeste (SP, RJ e MG somam cerca de 70%). Essa centralização sugere que os mecanismos de seleção e produção editorial ainda enfrentam barreiras estruturais para incorporar a produção literária das regiões Norte, Nordeste e Sul, perpetuando o ciclo que impede a ascensão de autoras periféricas e não-brancas.

Quadro 3 – Autoria e protagonismo feminino negro e indígena nas obras do PNLD (1º ao 5º ano, 2023)

Indicador	Quantitativo/Estimativa
Total de obras analisadas	808.
Obras com autoria feminina	cerca de 355 autoras únicas (aprox. 44% do total).

(continua).

Quadro 3 – Autoria e protagonismo feminino negro e indígena nas obras do PNLD (1º ao 5º ano, 2023)

(conclusão).

Indicador	Quantitativo/Estimativa
Autoras negras	estimativa inferior a 5% das autoras mulheres.
Autoras indígenas	estimativa inferior a 1% das autoras mulheres.
Obras com protagonistas mulheres	cerca de 45% (aprox. 125 a 130 obras).
Obras com protagonistas negras	cerca de 15% (aprox. 40 obras).
Obras com protagonistas indígenas	cerca de 5% (aprox. 14 obras).
Concentração geográfica de autoras	Maioria no Sudeste (SP, RJ, MG somam cerca de 70%).
Autoras estrangeiras	aprox. 8% (cerca de 25 a 30 autoras).

Fonte: levantamento da pesquisa (PNLD 2023, 1º aos 5º anos).

As informações sobre autoria negra e indígena são estimativas de baixa ocorrência, baseadas em pesquisa complementar em biografias e descrições editoriais, não se tratando, portanto, de números absolutos. No que se refere especificamente à autoria de mulheres negras e indígenas, os dados apontam para uma presença residual no PNLD, que não ultrapassa 5% das autoras identificadas no caso das mulheres negras e cerca de 1% no caso das mulheres indígenas. Ainda que aproximados, tais percentuais evidenciam uma sub-representação significativa, reforçando o quadro de invisibilidade dessas vozes na literatura escolar, em contraste com a diversidade cultural brasileira.

4.2 Protagonismo e a Interseccionalidade da Representação

Enquanto o Quadro 3 estabeleceu o panorama geral da autoria, a análise do Quadro 4 permite aprofundar o exame do protagonismo. Os dados a seguir demonstram que, mesmo quando personagens femininas são centrais (cerca de 45% do total de obras), a representação é marcadamente limitada pelos recortes de raça e temática. O PNLD, ao negligenciar o protagonismo interseccional, falha em apresentar a diversidade como uma realidade social e cotidiana, concentrando-a em personagens

que não são negras ou indígenas, ou, de forma mitigada, em figuras mitológicas e folclóricas.

Quadro 4 – Protagonismo das personagens nas obras do PNLD 2023 (1º ao 5º ano).

Categoria de protagonista	Número de obras	Percentual (%)	Exemplos / Observações
Mulheres	125–130	45%	—
Negras	~40	15%	—
Indígenas	~14	5%	—
Misto / não humano – seres encantados	1	0,1%	Ex.: "Olivia e os Indígenas"
Misto / não humano – deuses	1	0,1%	Ex.: "Iemanjá"
Misto / não humano – animais	2	0,2%	Ex.: "Nós de Axé"
Misto / não humano – monstros	2	0,2%	Ex.: "Quibungo" (folclore misto)
Total de obras com protagonistas específicas	185–190	—	Inclui apenas categorias destacadas; outras obras não apresentam protagonismo específico

Fonte: Adaptado de FNDE (2023), Guia do PNLD 2023 – Obras Literárias para os Anos Iniciais (1º ao 5º ano).

O Quadro 4 apresenta a distribuição das personagens protagonistas nas obras do PNLD 2023 para os anos iniciais, considerando gênero, etnia e categorias de protagonistas não humanas ou mistas. A análise do Protagonismo Específico no Quadro 4 revela que a presença de Protagonistas Negras (15%) e Protagonistas Indígenas (5%) é severamente restrita. Esses baixos percentuais demonstram a predominância de um modelo hegemônico que privilegia personagens com traços fenotípicos eurocêtricos, limitando a oferta de referências identitárias plurais aos estudantes. Além disso, o tratamento temático da diversidade é frequentemente delegado a categorias não-humanas: a aparição de figuras como "Iemanjá",

"Quibungo" ou animais ("Nós de Axé") sugere que a cultura negra ou indígena é abordada, muitas vezes, apenas através do universo do mito ou do folclore. Essa modalidade de representação, embora reconheça aspectos culturais, tende a desumanizar ou mitificar as figuras negras e indígenas, comprometendo o objetivo de apresentar a diversidade como uma realidade social e cotidiana e esvaziando o espírito inclusivo das Leis 10.639/03 e 11.645/08.

Embora algumas obras do PNLD incluam personagens e temas relacionados às culturas afro-brasileira e indígena, observa-se que essas representações frequentemente se restringem a folclore, lendas, mitos e elementos fantásticos, relegando a rica diversidade cultural, histórica e contemporânea desses grupos a estereótipos ou imagens simbólicas simplificadas. Essa abordagem reduz a cultura afro e indígena a aspectos exóticos ou imaginários, sem contemplar as experiências sociais, políticas e históricas reais desses povos, nem suas contribuições para a sociedade brasileira contemporânea. Como consequência, os alunos têm contato com uma visão parcial e fragmentada dessas culturas, o que pode reforçar percepções estereotipadas e limitar a compreensão crítica sobre diversidade, cidadania e identidade cultural. Tal constatação evidencia a necessidade de ampliar a representatividade cultural nas obras literárias, incluindo narrativas que abordem vivências, saberes e histórias contemporâneas de afro-brasileiros e indígenas de forma integral e contextualizada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Incluir as obras de autoras negras e indígenas no currículo escolar é fundamental para promover a representatividade, oferecendo aos estudantes modelos de personagens e autoras que compartilham experiências semelhantes às suas; enriquecer o repertório literário, ampliando o conhecimento sobre diferentes culturas e histórias; fomentar o pensamento crítico, ao estimular discussões sobre identidade, racismo, desigualdade e resistência; e valorizar a diversidade cultural, reconhecendo e celebrando as contribuições das culturas afro-brasileira e indígena para a sociedade. Para apoiar os professores nesse processo, é recomendável a criação de materiais didáticos que contextualizem essas obras e proponham atividades que incentivem a reflexão e o debate em sala de aula.

A presente investigação cumpriu seu objetivo ao demonstrar que a seleção literária do PNLD 2023 para os anos iniciais apresenta uma limitada

representatividade interseccional. A estimativa de que menos de 5% das autoras sejam negras e menos de 1% indígenas, bem como o baixo índice de protagonismo humano correspondente a esses grupos, aponta para uma falha sistêmica na aplicação dos princípios das Leis 10.639/03 e 11.645/08. A prevalência de personagens negras e indígenas em categorias que as mitificam ou folclorizam, em detrimento de protagonismos humanos e contemporâneos, sugere que o programa atende à lei em sua letra, mas não em seu espírito, restringindo a formação de um imaginário social verdadeiramente diverso.

O papel das autoras de resistência, como as escritoras negras gaúchas e de outras regiões mapeadas, adquire, nesse contexto, uma relevância política e pedagógica crucial. Suas obras funcionam como um contraponto ao cânone concentrado, oferecendo narrativas de agência e complexidade que o PNLD atualmente negligencia. Para reverter esse quadro, sugere-se que o FNDE e o MEC adotem critérios de seleção explícitos e auditáveis sobre a diversidade racial e regional da autoria. Futuras pesquisas poderiam focar na análise do processo de curadoria editorial do PNLD, investigando as razões que levam à exclusão dessas vozes e as possíveis barreiras impostas pelas grandes editoras.

REFERÊNCIAS

Butler, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.

Tradução de Renato Aguiar. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

Costa, Ana Alice Alcantara; Santos, Cecília MacDowell. A construção social dos papéis sexuais femininos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 23, n. 4, p. 57-65, 2003.

Dalcastagnè, Regina. Uma obra em movimento: leitura(s) de Avalovara, de Osman Lins. 1997. Tese Doutorado em Teoria Literária – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

Dalcastagnè, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 26, p. 13-71, jul./dez. 2005.

Dalcastagnè, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

Dalcastagnè, Regina. Ausências e estereótipos no romance brasileiro das últimas décadas: alterações e continuidades. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 56, n. 1, p. 110-120, jan./abr. 2021. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/fale/article/view/40429>. Acesso em: 19 de outubro de 2025.

Fundo Brasil De Direitos Humanos. 5 escritoras indígenas para conhecer e acompanhar. Fundo Brasil, [S. l.], 2024. Disponível em: <https://www.fundobrasil.org.br/blog/5-escritoras-indigenas-para-conhecer-e-acompanhar/>. Acesso em 08 de outubro de 2025.

Gotlib, Nádia Battella. *Tecer a manhã: um olhar sobre a obra de Lygia Fagundes Telles*. São Paulo: Ática, 1987.

Nonada Jornalismo. Por que não conhecemos as escritoras negras gaúchas? Nonada, Porto Alegre, 2 mar. 2017. Disponível em: <https://www.nonada.com.br/2017/03/por-que-nao-conhecemos-as-escritoras-negras-gauchas/>. Acesso em 08 de outubro de 2025.

PNLD 2023: Anos Iniciais, Objeto 3. [S. l.]: UFAL, [2023]. Disponível em: https://pnld.nees.ufal.br/pnld_2023_anos_iniciais_objeto_03/inicio. Acesso em 08 de outubro de 2025.

Ribeiro, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017. 112 p. Coleção Feminismos Plurais.

Schmidt, Rita Terezinha. A construção da personagem feminina na obra de Lygia Fagundes Telles. *Revista Letras*, Curitiba, n. 51, p. 103-116, jan./jun. 2000.

Telles, Lygia Fagundes. Venha ver o pôr do sol. In: TELLES, Lygia Fagundes. *Antes do Baile Verde*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1970.